

A FORÇA DOS TEMPOS: CURA DE “CABOCLO” EM UM TERREIRO DE PORTO VELHO/RO – 2011

Leonardo Lucas Brittoⁱ

Marcelo Sabino Martinsⁱⁱ

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar dados preliminares de uma pesquisa que realizamos em um terreiro de Umbanda. Em “A força dos tempos: cura de “caboclo” em um terreiro Porto Velho/RO – 2011”, apresentamos na primeira parte, algumas informações que obtivemos em nosso estudo bibliográfico, do qual é importante citarmos a presença da encantaria na Amazônia. Na segunda parte, apresentamos as notas do nosso trabalho de campo, utilizando o método etnográfico, em que presenciamos um ritual de cura realizado por uma cabocla. Constatamos que o culto aos encantados está muito ligado à natureza. Apesar do crescimento da cidade, o desmatamento e a poluição do rio e igarapés, a crença aos encantados continua presente nos terreiros e vem se adaptando conforme o tempo passa.

Palavras-chave: História; Encantaria; Afro-brasileiro.

Introdução

Este artigo se propõe a tratar de um fenômeno “aparentemente negligenciado” por algum tempo pela história, qual seja, o das práticas religiosas de cura. Tema reconduzido ao conhecimento histórico recentemente, sobretudo com o advento da Nova História. Acreditamos que a permanência dessas curas nos dias atuais, é uma forma da resistência de práticas que remontam a tempos pretéritos, é o resultado de adaptações e intersecções com o período atual. As práticas de cura religiosas ou mito-mágicas resistem e se transformam num tempo e lugar específicos.

“A força dos tempos: cura de “caboclo” em um terreiro de Porto Velho/RO – 2011”, foi enviado e apresentado na Semana de História de Rolim de Moura, que ocorreu nos dias de 26 a 30 de Março de 2012. Para a publicação na Revista Labirinto fizemos uma revisão e constatamos que haviam alguns erros de informações, que corrigimos nessa publicação. Além disso, acrescentamos a sugestão do Professor Dr. Benito Bisso Schmidt, que na apresentação oral deste trabalho explicou que o caminho pelo qual nossa

pesquisa estava trilhando não era a Micro História, como pensávamos que fosse, e que mudanças seriam necessárias. Após muitas leituras, atentar para as observações do professor e decidimos optar por outra direção em nossa pesquisa.

O que o leitor encontrará neste artigo, são nossas primeiras impressões referentes ao nosso trabalho de campo no *Centro de Umbanda São João Batista*. As informações referentes a cura e aos *encantados* nesse *terreiro*ⁱⁱⁱ, foram adquiridas *in loco*, utilizando o método etnográfico. Nosso objetivo é compreender as representações referente aos *encantados* e como que estas se portam com certas transformações atuais. De acordo com Robert Darnton (1986, p. XIV):

O historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam e seu comportamento. Não tenta transformar em filósofo o homem comum, mas ver como a vida comum exigia uma estratégia.

Para Maria Regina Celestino de Almeida (2012, p. 160), é importante o pesquisador entender os significados que tem as práticas para os atores que participam delas. Foi buscando se aproximar do modo que Mãe Hóstia via os *encantados*, a forma dela entende-los e se relacionar com eles que nossa pesquisa de campo foi conduzida.

Dessa forma, pretendemos vislumbrar práticas de cura religiosa promovidas por uma *entidade* conhecida como *encantada*, cujo nome é “Cabocla Braba”, que fazem parte de um conjunto de crenças e práticas ligadas a *encantaria*.

A Cabocla Braba é muito procurada por pessoas da cidade de Porto Velho, e demais lugares circunvizinhos, motivadas pelas curas atribuídas à *encantada*. Essa *entidade* é *recebida* por Julieta Hóstia de Jesus Ribeiro, popularmente conhecida como Mãe Hóstia. Seu *terreiro* fica na Zonal Sul, à margem da Rua Três e Meio, na cidade de Porto Velho/RO.

1. Os encantados

O culto aos *encantados* está muito presente na Amazônia, sobretudo dentro de religiões afro-brasileiras (Umbanda, Tambor-de-mina, Candomblé de Caboclo). Como podemos constatar nos trabalhos de Eduardo Galvão (1976) sobre a comunidade de Itá, no Baixo Amazonas e Raymundo Heraldo Maués (1995) na microrregião do Salgado, no Estado do Pará, é possível encontrar manifestações de crenças na *encantaria* até mesmo entre grupos que se consideram católicos.

Eduardo Galvão (1976) descreveu a *pajelança* que encontrou no Baixo Amazonas, na comunidade de Itá. Na ocasião, os moradores da comunidade, apesar de se declararem católicos, recorriam ao *pajé*, para que este, ao incorporar com o *encantado*, os curassem de alguma enfermidade. *Pajé* é o modo como a pessoa que incorpora espíritos de seres, conhecidos como *companheiros do fundo*, são conhecidos em Itá (GALVÃO, 1976, p. 91). Sendo assim, a *pajelança* se caracteriza por ser um *trabalho* que o *pajé* faz quando está possuído por espíritos *encantados* ou dos *companheiros do fundo*. De acordo com a descrição de Eduardo Galvão, os *companheiros do fundo* são seres que habitam o fundo dos rios e dos igarapés, cujo local de habitação era conhecido por “reino encantado”. Mas, o autor afirma que a concepção nos *companheiros do fundo*, é algo um tanto vago, pois alguns consideram os “botos”, como sendo os *companheiros do fundo*, já outros diziam que os *companheiros do fundo* e os “botos” eram seres distintos, sendo que os últimos são classes diferentes de *encantados* (Ibidem, p. 66).

Já Raymundo Heraldo Maués (1995) fez um estudo sobre as práticas do catolicismo popular e sobre a *pajelança* cabocla na microrregião do Salgado, no Estado do Pará. Nesse estudo, o autor mostrou como que o culto aos santos católicos e a *encantaria* se apresenta naquela realidade, onde essas crenças não se misturam, mas coexistem pacificamente. Dessa mesma forma ocorre com o catolicismo e a *pajelança* em Itá (Galvão, 1976, p. 107).

De acordo com Raymundo Heraldo Maués (1995, p. 190), os moradores do Salgado chamam os *encantados* de *bicho do fundo*, quando eles se manifestam em formas de animais; *oiara*, quando aparece em forma humana; e *caruana* é usado para nomear a *entidade*, quando esta incorpora no *pajé*. Na

comunidade de Itá, as pessoas, quando Eduardo Galvão pesquisou, costumavam chamar os *companheiros do fundo* de *caruanas* (1976, p. 66).

Percebe-se que em cada uma dessas formas, esse *encantado* é apresentado com nome, características e funções distintas. Na esteira desses autores essa *entidade* pode ser entendida como um provedor de curas, descontração, conselheiro, mas também causador de “flechada de bicho, mau-olhado” e outros males. Em alguns casos, os botos ou *companheiros do fundo* podem atrair suas vítimas, as mulheres, para o fundo da água e, nesses casos, causando “[...] emagrecimentos, palidez ou ‘uma cor feita de amarelo’”, com o agravante de levar mulher a morte, caso a relação com o *boto* não seja cortada. (Ibidem, p. 69-70). Em outros casos, como cita Raymundo Heraldo Maués, o próprio *pajé*, que é quem cura quando incorporado com o *encantado*, pode provocar algum mal a alguém, como um feitiço (1995, p. 223).

Mundicarmo Ferretti, apresentou um trabalho na XVII Reunião Brasileira de Antropologia, cujo tema era sobre a *encantaria* nos *terreiros* de *Mina* na capital do Maranhão. De acordo com a autora, em São Luís os *encantados* não africanos “[...] são seres humanos que tiveram vida terrena e que, há muitos anos, desapareceram misteriosamente e/ou tornaram-se invisíveis (encantaram-se)” (FERRETTI, 2000, p.1). De acordo com Mundicarmo Ferretti (Ibidem, p. 2), esses *encantados* podem ter sido transformados em um animal (cobra); algumas dessas transformações podem ser entendidas como espécies de prisão, sem que a pessoa quisesse se *encantar*, enquanto que outras podem ter ocorrido de modo proposital, devido a um anseio de com poderes de *encantados*, seja eles para benefício próprio ou para proteger alguém.

De acordo com Mundicarmo Ferretti (Ibidem, p. 3), nos salões de curadores e em alguns *terreiros* de *Mina*, situados em São Luís, os *encantados* participam dos rituais de cura, denominados de *pajelança*. Como podemos visualizar, essas *entidades* podem provocar o bem, ou seja, curar pessoas que estão acometidas por determinadas enfermidades. No entanto, os *encantados* em São Luís podem protagonizar situações desagradáveis, com comportamentos desaprovados socialmente (brigar). De acordo com a autora, isso ocorre porque muitos deles são alcoólatras, violentos e irreverentes.

Antes de começarmos o capítulo em que descrevemos um ritual de cura, precisamos apresentar alguns apontamentos relacionados com o breve

levantamento de informações retiradas dos trabalhos que acabamos de apresentar e nossas notas em nossa pesquisa de campo em Porto Velho/RO.

Primeiro que não encontramos no Centro de Umbanda São João Batista, nem em outros que visitamos em Porto Velho, palavras como: *oiara*, *bicho-do-fundo*, *caruana*, *pajé*, *pajelança*, *companheiros do fundo*. Esses termos, conforme apresentamos, são usados para indicar os *encantados* ou as curas realizadas por eles. Quando alguém se refere a essas *entidades*, no local estudado por nós, o nome utilizado para designá-las é *caboclo* ou *encantado*. Já a pessoa que incorpora um *encantado* e realiza trabalho de cura com eles, são comumente chamados de *médium*, *cavalo* ou *pai-de-santo*^{iv}.

Essas *entidades* se manifestam nos cultos de *terreiro*. Quando elas *descem*^v, ou seja, incorporam no corpo dos seus *cavalos*, chegam com a intenção de interagir com a comunidade, promover curas, dar conselhos, benzer, mas também beber, fumar, dançar. Os *cavalos* são os *médiuns* que recebem as *entidades*, são assim chamados, pois os *encantados* no momento da incorporação são os guias, são eles que passam a comandar o corpo da pessoa, sendo que esta última é tida como inconsciente e nenhuma ação que seu corpo tiver, enquanto está incorporada, pode ser imputada como de sua autoria, é do *encantado* que está em seu corpo.

Para Pai Beto de Ogum^{vi}, os *encantados* são bons, muito bonitos, carismáticos, caridosos. Refere-se ao “Seu Osvaldo”, por exemplo, que *recebia encantados*, e durante toda a sua vida “[...] nunca recebeu dez centavos por praticar cura as pessoas que o procuravam, se se sentisse bem vinha e dava um agrado a ele”.

Os *médiuns* que incorporam os *encantados* além das festas no *terreiro*, tem seus dias de fazer o culto particular a essas *entidades*, onde também podem atender a comunidade e realizar os rituais de cura, passes, receitar remédios (as próprias entidades fazem o remédio) ou garrafadas (garrafadas que o próprio sacerdote pode produzir).

Sobre a ambiguidade dos *encantados* ou dos que recebem os *encantados*, apresentados pelos autores que apresentamos anteriormente, não encontramos nenhum *encantado* que seja brigão, causando cenas de constrangimento público, ou algo parecido. Cada *encantado* possui sua personalidade, alguns conversam muito, outros menos; umas *entidades*

aparentam ser vaidosas, outras não ligam muito para enfeites; certos *encantados* contam piadas o tempo todo, outros conversam sério. Mas, apesar disso, todos são amistosos, abertos a conversar e a ser próximo, e até uma figura importante, para alguém. No entanto, eles não gostam que alguém os desrespeite ou deixe de cumprir alguma promessa. Nesses casos, o desafeto dessas *entidades* pode ser acometido por falta de sorte, enfermidade ou algum acidente. Ou seja, os *encantados* não causam nenhuma doença sem motivo, só por causar.

Com relação aos *médiuns*, verificamos que não há nada que os impeçam que façam algo de ruim para alguém, se por ruim considerarmos um feitiço destinado a prejudicar a vida de alguma pessoa. Essa é uma questão particular, que cada um tem seu modo de lidar com essas questões. A *Cabocla Braba*, sempre nos diz que não acha certo que alguém faça algo para prejudicar outra pessoa.

2. Uma Noite Encantada

Em uma sexta feira, no dia 06 de maio, de 2011, assistimos a uma sessão de cura realizada pela Cabocla Braba, que fazia *trabalhos*^{vii} na cabeça de Mãe Hóstia^{viii}. As informações que seguem abaixo foram coletadas em uma visita que fizemos ao Centro de Umbanda São João Batista.

Ao chegarmos ao *terreiro*, encontramos a Mãe Hóstia arrumando alguns detalhes, uma das filhas-de-santo estava preparando o defumador, para limpar o lugar. É um terreiro de Umbanda, cujo Orixá maior é Xangô, as paredes são pintadas de branco e vermelho, cores que são associadas a Xangô. Há um altar do Caboclo Zé Raimundo, logo na entrada. Dentro do *terreiro* há alguns quartos, onde há outros assentamentos, bem como uma cozinha. O lugar onde acontecem as sessões de cura é no mesmo lugar onde, em dias de festa, os *caboclos* incorporam e dançam, num grande salão.

De repente, Mãe Hóstia entra em um dos quartos e, quando volta, não é mais ela, e sim a Cabocla Braba já *incorporada*. A Cabocla chega e cumprimenta a todos, depois vai e senta em seu sofá. Do lado do sofá há uma mesinha, onde ficam alguns objetos que ela usa durante a sessão: uma lata de cerveja, um copo, giz branco (a pomba), uma lata de azeite, isqueiro, um prato

com sal e duas velas. Cabocla Braba fuma e bebe um pouco, conversa com os presentes, e atende aqueles que foram em busca de cura. Não necessariamente, todos que estão lá estão para serem curados de algo, alguns ficam só conversando, recebendo orientações espirituais e conselhos.

“Quer um caciri?”, pergunta-nos Cabocla Braba. Os *caboclos* possuem alguns termos para designar certas coisas. Nesse caso “Caciri” é como ela se refere ao café. Assim como este termo, eles possuem diversos outros, que por si só chamam para um estudo na área da linguagem. Cabe-nos, por ora, inferir que, este vocabulário próprio faz parte da construção da identidade do *caboclo* por parte das pessoas que frequentam esse espaço. Essas *entidades*, chamadas e *caboclos*, podem ser associadas ao espírito de um índio, de um ser da mata, de um retirante do nordeste, ou de um turco.

Um bêbado se aproximou do *terreiro* e entrou. A Cabocla Braba não gostou. O bêbado perguntou: “Posso ficar vendo”? Ela responde: “Ver o que? Não tem nada para ver!”. Após isso, ele olhou um pouco e se retirou do local.

Inicia-se o trabalho de cura, Cabocla Braba tinha o apoio de dois filhos-de-santo, um deles com uma prancheta. Um dos filhos-de-santo incorpora outro *caboclo*, Tupi Aiá, enquanto a outra filha-de-santo fica com a prancheta. Os dois *caboclos* começaram a cantar, Tupi Aiá manuseava um pano com movimentos como se estivesse tirando algo de um homem. Este foi procurar uma cura para uma enfermidade nas costas. O movimento que era feito com o pano, era como se estivesse tirando algo do rapaz (praga? feitiço? abrir os caminhos?). O homem foi orientado a ir para o meio do *terreiro*, então a Cabocla Braba manuseou um pano nas costas dele, enquanto o Tupi Aiá e a outra filha-de-santo cantavam. Cabocla Braba fazia o sinal da cruz no homem ao mesmo tempo que manuseava o pano. Enquanto isso, Tupi Aiá estendeu o pano no chão, para que o homem passe por cima, o mesmo foi andando até sair *terreiro*.

Durante o momento da cura, são cantados vários *pontos*^{ix}, em outros casos houve o uso do defumador, no tratamento. É um cenário bem harmonioso, onde todos que ali estão, parecem confortáveis, como se não fosse a primeira vez que estivessem no *terreiro* ou participando de um ritual de cura por meio da *encantaria*.

Os *encantados* descem à cabeça dos *médiuns* no momento em que começam a cantar as doutrinas deles. Beto de Ogum compara essas doutrinas, os *pontos* de *encantados*, como uma oração, que atrai, abala e convida a *entidade* a descer no *terreiro*. A *pajé* Zeneida Lima (1993, p. 28) escreveu que também além da doutrina, as danças e expressões corporais fazem parte para começar a manifestação dessas *entidades*. Nos pontos é possível identificar a história de cada *entidade*, saber como foi a vida dela antes de se *encantar*, quais as habilidades dela para cura, do que ela gosta, onde ela mora e muitas outras informações.

Durante as sessões de cura, além do *encantado*, uma figura importante é a do assistente^x. Sempre tem uma pessoa que fica do lado do *encantado*, para assim como escreveu Zeneida Lima (2004, p. 30): “[...] zelar pela integridade física do *pajé*, pois durante o transe, o *pajé* atua com o *caruana* e não sabe o que faz conscientemente”. Além disso há os remédios receitados pelos *caboclos* para que o paciente continue o tratamento. Logo, como o *médium* não está presente durante a sessão (pelo menos não em espírito ou consciência), é através do assistente que o *médium* saberá o que foi receitado pelo *caboclo* e poderá, em alguns casos, fazer o remédio para a pessoa. Dependendo do remédio, se tiver os ingredientes na hora, a própria *entidade* pode fazer o remédio. É importante ressaltarmos que esses remédios são feitos a partir de folhas, ervas, raízes.

3. Os encantados e a natureza

De acordo com Mãe Hóstia^{xi}: “A encantaria é os *caboclos* né? A encantaria só existe uma, ai os *caboclos* são vários *caboclos*, há os *encantados* e os *desencarnados* que *encarno* e virou *caboclo*”^{xii}.

Ou seja, a *encantaria* é constituída de seres que são denominados como *caboclos*. Existem vários *caboclos* cada um com sua forma de se vestir e de se comportar, quando estão incorporados. Cada qual com sua personalidade, seu modo de andar, de falar.

Ainda dentro dessas crenças, um ser humano pode vir a se tornar um *encantado*. Ou seja, passar da categoria de homem e virar uma *entidade*. Para isso, conforme Mãe Hóstia explica: “Se encanta nas mata (...), lá onde tem

encantado se encanta. (...). Se for nas mata é um caboclo, se for nas águas é um príncipe ou uma princesa né!”.

Essas *entidades*, segundo o conhecimento tradicional repassado oralmente, vivem em determinados lugares. Há *encantados* que vivem nas matas; outros habitam no fundo do rio; ou em uma praia. O *encante*, local de morada desses seres, está situado em um local físico, palpável, porém, a dimensão em que ele se encontra é uma dimensão que não é acessível aos vivos, pelo menos não a qualquer ser vivo. Eles vivem em um lugar só deles, onde o homem só pode ir até lá caso seja levado por um destes seres.

O “portal” para ter acesso a esses encantos estão ligados à natureza. Por exemplo, Mãe Hóstia descreve um local de *encantaria* que existia em Porto Velho:

Perguntamos: A senhora conhece os lugares encantados aqui em Porto Velho?

Mãe Hóstia: Conheci um, né, mas aí o tempo passou, acabou, também, a encantaria. Era muito lindo ó. Nós passava (sic) lá via criança chorando, cachorro latindo, falando sabe? E o pessoal achava que era assombração. Mas tinha uma encantaria ali. Aí depois virou um banho, pronto, eles se mudaram dali, não sei para onde foram.

Fica mais ou menos a onde, hoje?

Antes era ali na BR né!

105

Há uma forte ligação do culto do *encantado* com a natureza. O processo de urbanização e a constante mudança do cenário natural da cidade, com a construção das Usinas, aterramento de córregos, desmatamento e poluição do rio, causam impacto, não apenas na percepção física desses espaços. As ações do homem na natureza influenciam, também, nas crenças referentes aos *encantados*. Uma vez que a natureza é concebida como sendo essencial para a existência do *encante*, a poluição de um rio é vista como uma agressão ao lugar onde os *encantados* vivem. De acordo com Mãe Hóstia, o lugar em que ela acreditava existir uma morada de *encantados* desapareceu após o lugar se transformar em um banho^{xiii}.

As crenças, os mitos, e os objetos usados durante as sessões de cura, estão todos ligados com os rios, a floresta, ou seja, mais indícios do quão a natureza exerce um papel importante na elaboração dessas crenças.

Esta crença na *encantaria* e nos locais de *encante* têm se adaptado ao processo de “desenvolvimento” da cidade de Porto Velho. Na medida que algo interfere no sistema de crença da *encantaria*, ela se adapta, transforma-se, é recontada e acaba por resultar em novas crenças, novos mitos.

Seria o que Peter Burke (2008, p. 91) chama de “adaptação”. Há um processo de fora, que interfere no sistema interno de crenças e concepção do saber tradicional. Então, há uma descontextualização e uma recontextualização. E, é re-criado um mecanismo que irá responder e dar sentido a interferências externas. Um desses mecanismos é a mudança de lugar da *encantaria*. Quando um lugar de *encante* é destruído, os *encantados* procuram outro lugar para habitar.

À guisa de uma conclusão

Neste artigo apresentamos algumas anotações que fizemos em nossa pesquisa bibliográfica acerca dos *encantados*; dados que obtivemos em nossa pesquisa de campo no Centro de Umbanda São João Batista; e nossas primeiras análises a respeito do tema. Mais uma vez, é importante lembrar, que fizemos uma adaptação de um artigo que enviamos na Semana de História de Rolim de Moura, no ano de 2012, sendo que nessa versão corrigimos informações que redigimos de forma equivocada e outras afirmações das quais não assumimos hoje em dia.

No primeiro capítulo, percebemos que a crença em *entidades* que são conhecidas como *encantados* está presente no Amazonas, Pará e Maranhão. Para cada estado desses, escolhemos um autor, que escreveu sobre a *encantaria* na região. Com esses estudos, pudemos perceber como essas crenças variam de região para região, mudando algumas nomenclaturas, lugares de culto, e visões sobre as *entidades*. Apesar dessas pesquisas não indicarem um fenômeno igual ao que ocorre no *terreiro* em que pesquisamos, cada uma é importante, pois levantam questões para investigarmos em nosso estudo.

No Centro de Umbanda São João Batista, a *encantaria* é formada pelos *caboclos*, que são espíritos *encantados*, que possuem personalidades próprias, modo de agir e ser, segundo a representação de cada um. Essas *entidades*

são entendidas como fazendo parte de um passado, onde nesse tempo teve vida como qualquer humano. Mas, por alguma razão, acabou se *encantando*, e daí mudado de condição, virando, assim, um *encantado* ou *caboclo*.

Os *encantados* são importantes para as pessoas que acreditam neles. Eles podem auxiliar ouvindo alguém, dando conselhos e até curando, na compreensão deles, enfermidades. Além disso, até pela personalidade própria que cada *encantado* tem, as pessoas desenvolvem relações de simpatia e amizade com esses espíritos.

Também se acredita que cada *encantado* possui um lugar de morada, seja no rio, nas matas, em um igarapé, na cachoeira ou em outros lugares naturais. Nesses lugares estão situadas “cidades” em que o homem não pode ir, a menos que seja convidado ou levado por um *encantado*.

Essas crenças não estão isoladas do mundo. Como pudemos perceber no terceiro tópico, as visões acerca dos elementos que compõe a *encantaria*, muda conforme, e dependendo de, impactos externos entram em conflito com essas visões de mundo. Mãe Hóstia disse que havia um local em Porto Velho, próximo a Br 364, em que havia uma *encantaria*, ou seja, lugar em que haviam *encantados* morando. Devido a ação do homem, esse local acabou se tornando um “banho”, e deixou de ser tão místico como se apresentar outrora para a mãe-de-santo. No entanto, apesar dessa interferência, a crença nesses seres não desapareceu. Para Mãe Hóstia, os *encantados* mudaram de lugar, e estão em outra *encantaria*. Entendemos esse fato como exemplo de adaptação cultural, em que após uma pressão que veio de fora, a sacerdotisa conseguiu encontrar outras explicações para os novos problemas apresentados diante de si, preservando, assim, suas crenças em *entidades* que se relacionam amistosamente com as pessoas e capazes de curar o homem, em situação de enfermidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: USINOS, 2008.

- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1977.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria Maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira**. Trabalho apresentado na XXII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - Brasília, 15 a 19 de Julho de 2000 - no Fórum de Pesquisa 02: Brasil Imaginário.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo: Brasiliana, 1976.
- LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave**. Belém: CEJUP, 1993.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

Fontes

Entrevista realizada com Julieta Hóstia de Jesus Ribeiro em 13/04/2011, 17:54.

Entrevista realizada com Manoel Roberto da Silva Cardoso em 27/10/2010, 14:02.

NOTAS

ⁱGraduado em História na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

ⁱⁱProfessor da Graduação de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

ⁱⁱⁱDe acordo com Olga Gudolle Cacciatore (1977, p. 250) terreiro significa “Conjunto dos terrenos e casas onde se processam as cerimônias religiosas e os preparativos para as mesmas, nos cultos afro-brasileiros, tanto de Candomblé (Ilê), como de Umbanda (Tenda, Cabana, Canto) e outros”.

^{iv}Pai-de-santo ou mãe-de-santo, apenas se a pessoa for sacerdote.

^vNos terreiros significa o ato da *entidade* incorporar em alguém. Quando eles *descem* até a cabeça da pessoa.

^{vi}Como em Porto Velho tem dois pais-de-santo com o nome de “Beto de Ogum”, informamos que esse que entrevistamos foi o pai-de-santo do *Barracão de Santa Bárbara*. BRITTO, Leonardo Lucas. Entrevista realizada com Manuel Roberto da Silva Cardoso no dia 20.07.2010.

^{vii}Chama-se de trabalho tudo o que a *entidade* faz quando incorpora no médium: remédio, reza, cura.

^{viii} A pessoa que recebe determinada entidade é chamada de médium. Mãe Hóstia diz que muitas pessoas a procuram para que ela faça algum “trabalho” para cura. Ela atende em um determinado dia da semana, que é a sexta-feira. Sexta-feira é o dia em que os pacientes e simpatizantes vão ao terreiro para conversar com a cabocla, que é muito querida pelos frequentadores, e para pedirem que alguma enfermidade seja tratada e curada. Neste dia Mãe Hóstia “incorpora” a “Cabocla Braba”. O ato de incorporar consiste em mudar de personalidade, Mãe Hóstia começa a agir como se fosse outra pessoa, neste caso, assume a personalidade da Cabocla Braba.

^{ix} Pontos são músicas que cada *entidade* tem. Nas letras dessas músicas é possível conhecer certas características dos *caboclos*, onde moram, por que se *encantaram*, etc.

^x Em algumas sessões, devido a ausência dos filhos de santo de Mãe Hóstia, nós auxiliamos a Cabocla Braba na parte de anotar alguma coisa que ela pedisse.

^{xi} BRITTO, Leonardo Lucas. Entrevista realizada com Julieta Hóstia de Jesus Ribeiro no dia 13. 04. 2011.

^{xii} Optou-se, neste artigo, manter a escrita mais próxima da forma falada pela entrevistada.

^{xiii} É um lugar em que as pessoas se reúnem para tomar banho de rio ou igarapé.